

A Biblioteca Escolar e o seu papel na formação de hábitos de leitura*

ANA MARIA ATHAYDE POLKE **

Discussão das razões da não existência de bibliotecas escolares operantes no país. Escola Polivalente como estímulo à implantação de bibliotecas junto às demais escolas. Papel educativo da Biblioteca Escolar.

Se colocarmos a questão: é a biblioteca escolar operante no sentido de contribuir para a formação de hábitos de leitura na criança? Em tese, a resposta será positiva. Nenhuma outra instituição tem condições melhores para reunir e dinamizar material bibliográfico condizente com as aptidões de leitura das crianças do que a biblioteca escolar: a proximidade da sala de aula, a interação professor-bibliotecário-aluno, as orientações mais atuais do ensino que impellem a criança para a busca-descoberta através de diferentes textos, os meios de comunicação que pare-

* Aula proferida em outubro de 1972 para a disciplina Estudo de Problemas Brasileiros.

** Professora de Técnica do Serviço de Referência. Coordenadora do Estágio Supervisionado. Chefe do Colegiado de Coordenação Didática da Escola de Biblioteconomia da UFMG.

cem atuar como fluxo e refluxo: a partir da imagem televisada a criança procura o livro para o contacto mais prolongado com o seu herói e levada, a partir do texto, liga o botão da televisão para receber o impacto da imagem que lhe traz o herói quase ao vivo. Liba Beider (5), refletindo sobre a oposição literatura-texto-escrita, em face das expressões dos multimeios, lembra que ocorrem índices idênticos de audiência e leitura de “sucessos” apresentados no rádio, televisão ou cinema se, depois impressos — e afirma: “Observamos que a informação ao nível da estória não afeta, mas impulsiona a leitura; as expressões orais, visuais, sensoriais voltam à escrita, não se dá o esgotamento da palavra escrita, mas a sua intensificação”.

Assim, talvez fosse melhor perguntar: existe a Biblioteca Escolar? É comum a presença da Biblioteca junto à Escola? A resposta em termos de situação nacional sabemos ser bastante negativa. Quantos estudantes das décadas de 40, 50 e 60, por falar somente nas gerações mais recentes, guardam lembrança de sala de aula vizinha à biblioteca? Ou mesmo de simples armário em classe contendo coleção de livros de estórias, formada com os recursos da Caixa Escolar? Os que respondem positivamente constituem a feliz exceção, não a média geral.

Na escola média a situação não era muito melhor. Os colégios particulares mais tradicionais, especialmente os femininos, possuíam a sua “Biblioteca”: local aprazível, assoalho reluzente, ricas encadernações atrás das portas de vidro dos armários trancados a chave. Ninguém conhecia o conteúdo daquelas obras, exceto algumas alunas selecionadas para ajudarem no arranjo das estantes e que contavam, divertidas às outras que os livros eram ricamente ilustrados com reproduções de pinturas, mas os “gordos anji-

nhos” tinham recebido “saiotes” pintados pudicamente pelas freiras.

Numa busca às causas desse não existir, seria talvez simples demais atribuí-lo à pobreza de recursos ou à incompreensão administrativa. O armário de livros, bem mais freqüente em salas de aula, poria em dúvida essa conclusão, pois, pequena que fosse a coleção inicial, o seu crescimento gradativo seria possibilitado até mesmo através da mobilização de recursos da comunidade. Num raciocínio simples poder-se-ia ver a sucessão: o crescimento do conteúdo dos armários, sua reunião em uma única sala, o professor dedicando parte de seu tempo a essa biblioteca incipiente, procurando completá-la com as indispensáveis obras de consulta. A dinamização da coleção evidenciaria a necessidade de bibliotecários com total dedicação de seu tempo à biblioteca.

A ausência da biblioteca ou a sua presença ornamental — o que talvez fosse pior — por levar o educando ao antigo e indesejável conceito de biblioteca-museu, parece ligar-se mais às características do próprio ensino tradicional. Ensino que se caracterizava pela memorização do “ponto” ou a repetição em coro, ritmado, do “dois e dois são quatro”, “Ivo viu a uva”, por exemplo, para as classes iniciais.

Numa escola verbalista e centrada no professor-transmissor de conhecimentos, enquanto o aluno era apenas o receptor passivo desses conhecimentos, a ausência da biblioteca não foi notada.

Mas o que aconteceu quando chegaram à escola as preocupações da educação em relação ao desenvolvimento pessoal do educando, ao atendimento de sua individualidade e liberdade? Quando se tornaram do domínio comum expressões como ritmo próprio, ensino

individualizado ou diversificação do ensino, para atender às diferenças individuais? Quando foram atribuídas aos alunos atividades como leitura e interpretação de textos, resolução de problemas diversos através da consulta bibliográfica, tomada de notas com transcrição de passagens significativas, interpretação de gráficos e tabelas, manuseio de atlas com leitura inteligente de suas legendas e representações cartográficas? Aconteceu que as bibliotecas públicas foram invadidas por escolares de várias idades, mas com predominância dos compreendidos na faixa 12-18 anos. Em 1959 foi apresentado trabalho ao II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia sugerindo medidas para melhor atendimento de escolares em bibliotecas públicas (10).

Ainda porque não havia a biblioteca escolar, foram as mães levadas à aquisição de enciclopédias à prestação para atender às intermináveis “pesquisas” escolares. Elas próprias se viram atabalhoadamente ajudando aos filhos menores na busca alfabética. Houve situações como aquela em que a criança comunica à professora haver sua mãe procurado a biografia de Oswaldo Cruz com *v* e *w* sem encontrar nada na enciclopédia. Um incidente revelador da falta de hábito da geração anterior no manuseio da obra de consulta, e da atual, que é submetida à experiência no mundo bibliográfico, sem qualquer instrução prévia que alerte para pontos tão simples como esse da “entrada” pelo sobrenome da pessoa.

Sabe-se que algumas escolas contam com bibliotecas e até mesmo com bibliotecários. Apesar de serem colégios que fazem parte de uma rede, trabalham esses bibliotecários isoladamente, sem uma Central para aquisição e processamento técnico. Em um levantamento realizado por estudantes de Biblioteconomia como atividade escolar, não se verificou, em Belo Hori-

zonte, a existência de uma única biblioteca escolar onde o bibliotecário participasse de reuniões de Colegiados Didáticos ou mesmo de caráter administrativo. Essa participação em reuniões de estudo em torno do currículo, de procedimentos didáticos e de decisões administrativas (13, p. 17), ao lado do trabalho conjunto bibliotecário-professor são pontos-chaves para o sucesso em qualquer programa da biblioteca. Biblioteca aqui é entendida como a instituição capaz de desempenhar seu novo papel: instrumento ativo de ensino, manipulado conjuntamente por bibliotecário e professor em favor do estudante nos processos de auto-direção e auto-propulsão que o conduzam através da aprendizagem à auto-realização,

A Reforma do Ensino Médio no país veio trazer novas esperanças de impulso e apoio à criação de bibliotecas escolares. Os documentos emanados do PREMEM. (Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio) fazem referência explícita à Biblioteca: "As instalações para ciência e para biblioteca, a serem colocadas em cada escola são a base para modernização do currículo e do ensino, tanto no que toca às humanidades como às ciências, e servirão de fonte de recursos educacionais necessários a um programa bem equilibrado". Aqui a Biblioteca Escolar é apresentada e justamente valorizada (12, p. 8).

É nessa situação de mudança, quando o país através da reforma de seu sistema educacional procura percorrer caminhos que conduzam ao ajustamento social de todas as camadas da população, que a biblioteca escolar poderá firmar-se definitivamente como extensão natural da sala de aula.

Se as bibliotecas da Escola Polivalente constituírem um sistema centralizado na parte de aquisição

e processamento técnico; se os seus bibliotecários conseguirem aquele entrosamento ideal com os professores para a programação de atividades que melhor levem à consecução dos objetivos da escola; se lhes for assegurada participação ativa no processo educacional e se eles corresponderem a essa participação, é de se esperar que ocorra a emulação positiva procurando outras escolas da rede oficial ou particular seguirem o modelo da Escola Polivalente.

Nos Estados Unidos, antes de 1960, não era muito diferente a situação das bibliotecas escolares. A literatura especializada faz inúmeras referências ao uso intensivo das grandes bibliotecas públicas por estudantes. Seria talvez oportuno considerar alguns fatores que contribuíram para o grande progresso ocorrido naquele país em matéria de bibliotecas escolares. Por volta de 1960 houve nos Estados Unidos o chamado "impacto do Sputnik", quando a população americana constatou estupefacta o avanço russo no setor e reclamou quanto ao ensino nas escolas do país: "Por fim, até o povo estava insatisfeito com as distorções e fantasias educacionais. O Sputnik preparou-nos para total receptividade às recomendações do Relatório Rockefeller: *Em busca da perfeição: a educação e o futuro da América*, publicado em 1958... O Relatório Rockefeller frisou a impossibilidade de melhoria em nosso esforço educacional a menos que se liberte o indivíduo do anonimato impudente da educação impessoal. É direito de berço de cada cidadão americano ter sua individualidade respeitada. O relatório correlaciona o desenvolvimento ótimo do indivíduo com a sanidade da sociedade: o meio da sociedade se autovigiar está na possibilidade de cada cidadão desenvolver sua capacidade total" (7, p. 5). Reclamavam, ainda, os críticos do sistema educacional americano,

que os programas dos cursos estavam atrasados em relação ao progresso da ciência.

Como consequência houve a instituição pelo Congresso Americano do ESEA — Elementary and Secondary Education Act, o qual sob o Title II provê fundos federais para a criação e desenvolvimento de bibliotecas escolares. A concessão desses recursos é obtida através de planos que pormenorizam objetivos comportamentais (3). Exemplificamos a parte inicial desses objetivos com o modelo do Union School District do município de Escondido, Califórnia (Ver p. 67).

Tendo sido formulados objetivos claros e específicos, a avaliação dos programas da biblioteca fica sobremaneira facilitada. Atualmente, muitas bibliotecas estão sendo submetidas à avaliação e os resultados interessam-nos como roteiro de ação através da observação de pontos positivos e negativos.

Diante da realidade de algumas bibliotecas escolares e da perspectiva de criação sempre crescente de outras, qual seria o papel da Escola de Biblioteconomia em relação aos seus estudantes? A preparação desses estudantes para o exercício da profissão em bibliotecas escolares teria que merecer especial atenção nesse setor. A introdução da disciplina "Bibliotecas Escolares" como disciplina optativa já foi cogitada pela Escola de Biblioteconomia da UFMG. Um dos mais recentes livros publicados sobre o assunto, *The School library: a force for educational excellence*, é resultado da experiência da autora Ruth Ann Davies como professora da matéria na Graduate School of Library and Information Sciences, University of Pittsburgh. Em seus 13 capítulos, deparamos com títulos dos mais sugestivos como "A biblioteca escolar, parte integrante de Estudos Sociais". Traz ainda vários

IX. DESCRIPTION OF THE PROJECT (Items 1, 2 and 3)

Goal of the Project

Goal	Goal Indicator (Program/Content)	Behavioral Objective	Activities	Evaluation
The desire to read will be instilled in children. Children will enjoy various types of literature in their leisure time for recreation and personal fulfillment. Children will appreciate the importance of reading to communication and as a source of pleasure.	Children will use the resource center to satisfy reading needs. Children will find broad variety of reading material in resource center. Children use resource center media to communicate information to class and teacher.	Children will check-out 20% more media in 1972-73 as compared to 1971-72. Children will check-out broader classification of media than in 1971-72. 20% more children will seek information within the resource center and communicate the information back to the classroom.	Book Talks. New book display. Spotlight Topic of the Week. Teacher-Resource Specialist Conference. Individual small group assistance by resource center staff. Development of classroom displays of appropriate curricular media.	Circulation records. Student count. Teacher questionnaire.

apêndices, entre eles o “Descrição de tarefa: o que os bibliotecários de escolas fazem”, por exemplo, onde as funções do bibliotecário escolar são divididas em 3 grandes partes: Administrativas, Educativas e Técnicas. Interessante seria examinar as Educativas, uma vez que as Administrativas e Técnicas já vêm sendo desenvolvidas em nossas raras bibliotecas escolares. São inúmeras as funções educativas relacionadas pela autora no citado apêndice. O ensino do uso da biblioteca e de seus serviços a estudantes, apesar de sua importância não deveria ser considerada a única função educativa da biblioteca escolar. A conjugação de esforços entre professores e bibliotecários gera programas onde o papel educativo da biblioteca se revela em múltiplas facetas: motivação para estudo de unidades diversas, fixação da aprendizagem em outras, aprofundamento de estudos independentes, etc. Outro exemplo de função educativa da biblioteca: tomar conhecimento das pesquisas em curso, tendências, métodos e materiais educacionais.

Outra experiência americana cujo exame seria útil é a do estabelecimento de padrões de funcionamento de bibliotecas escolares (1). Os “padrões” de 1960 são o resultado dos estudos de 20 organizações profissionais. O documento especifica requisitos necessários para o funcionamento eficaz dos serviços. Mais recentemente, em 1969, foram publicados os *Standards for School Media Programs* como consequência da nova feição assumida pelas bibliotecas escolares americanas, a de “Centros de Múltiplos Educacionais”, onde trabalham bibliotecários e especialistas em áudio-visuais. Esse documento, por sua vez, foi preparado conjuntamente pela American Association of School Librarians (ALA) e o Department of Audio-Visual Instruction (NEA), envolvendo o tra-

balho e as pesquisas de bibliotecários escolares, especialistas em recursos áudio-visuais, administradores escolares, membros do School Board, Supervisores de currículos e de áreas de assunto. Constitui o que Mae Graham na introdução do *Library Trends: The changing nature of School Library* (9, p. 343) chamou “casamento por interesse”, afirmando ainda que “cada parte se orgulha da herança e contribuição já prestada à educação americana”.

Os padrões brasileiros teriam de ser cuidadosamente estudados para o ajuste à nossa realidade, sem deixar de aspirar a um mínimo desejável. Os padrões americanos, mesmo os de 1960, estariam exageradamente dimensionados para a situação brasileira. Por exemplo: 10 livros por estudante, sendo que as novas aquisições são calculadas à base de US\$ 4.00-6.00 anuais por aluno, recursos adicionais para periódicos, assim como obras de referência e equipamentos; três bibliotecários e um auxiliar para cada 100 estudantes. No Brasil, um estudo desta natureza teria um excelente auxiliar no livro de Dóris de Queiroz Carvalho. (6)

Queremos crer que o problema da não-existência da biblioteca escolar já esteja encaminhado para solução gradual. Os primeiros passos já foram encetados pela Escola Polivalente, a EP como é conhecida no PREMEM. Mas tudo, ou quase tudo, está para ser feito. Aí então, aqueles profissionais, que se voltarem para a biblioteca escolar como campo de trabalho, terão à frente um campo para ser trabalhado desde a base. Será um desafio para atender àquele desafio maior de que falou o Ministro Jarbas Passarinho ao se referir ao objetivo inventivo da educação “. . . criar novos meios para atender ao desafio da altamente flexível capacidade humana num mundo em permanente mutação” (4) .

Embora a educação em todos os seus níveis — do jardim da infância à Universidade — não deva perder de vista o caráter formativo humano, é sobretudo nos primeiros níveis do ensino que se concentra maior preocupação com a formação de atitudes, hábitos, preferências, habilidades. Assim, a motivação para a leitura pode ser iniciada, antes mesmo que a criança saiba ler, através da atividade “Hora do conto”. Há razoável bibliografia sobre essa atividade. Em escolas que contam com maiores recursos tecnológicos poderá ocorrer a combinação “Hora do conto” — Projeção de filmes, cujas histórias estejam registradas em livros, como *Chapeuzinho Vermelho*, *Pele de Asno*, *Branca de Neve*, e muitas outras, na tentativa de levar-se a criança a sentir que ela poderá entrar em contacto com as personagens, sempre que assim desejar, através dos livros.

Muitas atividades e programas de leitura poderão ser planejados conjuntamente com os professores visando à fixação do hábito de leitura. Há relatos de bibliotecários escolares sobre a montagem de projetos especialmente destinados a alunos que revelem pouco interesse por livros (13, p. 4).

Tivemos ocasião de assistir em Glen View, escola primária da Califórnia, a um espetáculo de marionetes montado dentro da biblioteca. Ao lado da beleza e graça das personagens podia-se ver todo o planejamento objetivando motivar crianças menores para a leitura. Professores e psicólogos que assistiram ao espetáculo reconheceram a imaginação e a criatividade postas em ação para atingir aquele objetivo.

Imaginação e criatividade terão que ser postas em ação por bibliotecários e professores para contribuir na formação de hábito de leitura em nossas

crianças, pois constitui este, ao lado do hábito de estudo, um dos mais importantes objetivos da educação e, por extensão, da biblioteca. Tais hábitos, se adquiridos pelo indivíduo nos primeiros estágios da educação formal, ser-lhe-ão de grande valia enquanto esta durar e principalmente quando terminar.

Discussion on the reasons of the non-existence of operating school libraries in the country. Comprehensive School as a mean of stimulating and establishing libraries in other schools. Educational role of the School Library.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS. *Standards for School Library programs*. Chicago, ALA, 1960.
2. ————— & DEPARTMENT OF AUDIOVISUAL INSTRUCTION (NEA). *Standards for School Media programs*. Chicago, ALA, 1969.
3. APPLICATION for School Library resources Phase II, Title II ESEA (P. L. 89-10) Central School Resource Center. Escondido, Cal., Union School District, 1971. 83 p.
4. BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Ensino fundamental*; objetivo do ensino de 1º grau e a revisão de currículo. Brasília, 1971.
5. BEIDER, Liba. *Literatura pedagógica*. [Aula mimeografada. Curso de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 1972.].
6. CARVALHO, Dóris de Queiroz. *Bibliotecas de Escolas Técnicas Industriais*. Brasília, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Ensino Médio, 1970. 172 p.
7. DAVIES, Ruth Ann. *The school library: a force for educational excellence*. New York, R.R. Bowker, 1969. 386 p.

8. ESEA Title II Manual of information; instructions for making application for School Library resources. Sacramento, Cal., State Department of Education, 1970.
9. GRAHAM, Mae. Introduction. *Library Trends: The changing nature of the School Library*, 17(4):343-5, Apr. 1969.
10. LIMA, Etelvina. *Atendimento de escolares em Bibliotecas Públicas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, 2ª, Salvador, 1959.
11. MOOR, E. L. The staffing of Secondary School Libraries. *The School Librarian*, London, 19(1):10-14, Mar. 1971.
12. PREMEM. Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio. *Fundamentação teórica do Ginásio Polivalente*. Rio de Janeiro, 1969. [Mimeografado].
13. ROSSOFF, Martins. *The library in High School teaching*. 2. ed. New York, H. W. Wilson, 1961. 166 p.